

Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 8 de Abril - Ano: XXXII - N.º 1968 - Preço: 1 Euro - Semanário

Luís Silveira, Prseidente da Câmara de Velas, fala da expansão do Turismo

São Jorge vê regressar à ilha os jovens, os emigrantes e há estrangeiros a fixarem-se porque “segurança e beleza” é crucial



Págs. 2 e 3

Especialistas estudam e fazem experiências para mitigar os impactos

O efeito da poluição luminosa das aves marinhas é ainda um mistério, mas exposição à iluminação artificial pode levar à habituação

O projecto INTERREG EELabs delineou uma estratégia de sensibilização sobre poluição luminosa, contribuindo com ferramentas online e realizando quase 140 actividades para mais de 3500 participantes, e promovendo acções de cidadã associadas à campanha SOS Cagarro em São Miguel e Corvo. Desde 2020, foram organizadas 87 brigadas que envolveram 861 voluntários e resgataram mais de 4433 cagarros. No Corvo foram ainda promovidas brigadas para o resgate do *estapagado Puffinus puffinus*, ave marinha menos conhecida, mas abundante nas ilhas ocidentais.

Pág.4



Da Bermuda para S. Miguel

Presidente da Associação dos Emigrantes Açorianos quer estreitar pontes com a diáspora



Andrea Moniz-DeSouza assumiu os destinos da Associação dos Emigrantes Açorianos, com sede na Ribeira Grande, e quer promover um maior convívio e inter-ajuda entre todos os emigrantes regressados.

Última

Médicos alertam

Risco de AVC é duas a quatro vezes maior em pessoas com diabetes



Pág.15

Consumo estrangeiro representou 23% da facturação nos Açores na Páscoa

Última

Luís Silveira, Presidente das Velas de S. Jorge, já prepara a promoção para 2025

Turismo na ilha de São Jorge tem permitido o regresso de jovens à terra, a criação de empresas e o desenvolvimento da economia

O município das Velas de São Jorge já não se preocupa muito com a época alta - de Junho a Setembro - que capta turistas suficientes para ter sempre a hotelaria com taxa máxima. O desafio agora é dinamizar a oferta para captar turistas para a época baixa e diminuir a sazonalidade. Luís Silveira acredita que uma das festas que pode captar visitantes é a do Divino Espírito Santo, não só pelo carácter religioso mas também porque se pode aliar a cultura e a gastronomia. O projecto será apresentado a 17 de Maio. Quando aos transportes, tanto aéreos como marítimos, o autarca sente que tem sido dada resposta adequada às necessidades da ilha e do que o concelho precisam, havendo ajustamentos quando necessário para dar resposta à procura...

Atlântico Expresso: O município de Velas de São Jorge tem vindo a fazer um forte investimento na promoção do concelho como capital do queijo em feiras internacionais e recentemente na Bolsa de Turismo de Lisboa. Há boas expectativas para o retorno deste investimento?

Luís Silveira (Presidente da Câmara Municipal de Velas de São Jorge): - O município criou há alguns anos a marca patenteada e registada “Velas - Capital do Queijo”, sendo o queijo, em termos económicos, o produto mais importante e que está presente no mundo inteiro. Por um lado, porque o queijo de São Jorge é uma marca conhecida e, por outro, usamos a marca para promovermos o destino. Fazemos isso, em simultâneo, porque é importante para a nossa economia. Portanto, temos desenvolvido várias iniciativas, desde logo no maior certame português do sector - a Bolsa de Turismo de Lisboa -, em que todos os anos fazemos uma apresentação no Pavilhão dos Açores da nossa marca, altura em que há um momento de degustação dos vários tipos de cura do queijo de São Jorge DOP (Denominação de Origem Protegida), assim como fazemos duas acções muito específicas, uma nos primeiros dias direccionada só para os operadores turísticos para apresentar o destino Velas, como destino natureza, dentro do que é o destino Açores, e outra para o público em que fazemos sorteios para estadia em unidades hoteleiras da ilha, alojamento local ou turismo rural, bem como brindes alusivos às Velas e à ilha. Também marcamos presença em revistas internacionais de destinos turísticos, como o tivemos através do grupo NDTV (filiada da Record TV) em toda a hotelaria do Brasil, na rede multibancos com grande visibilidade, em guias turísticos como o franco-alemão, e mais recentemente com uma parceria do Núcleo Empresarial de São Jorge, por via da Câmara do Comércio e Indústria de Angra do Heroísmo, em que trabalhamos um projecto que será apresentado em Velas no dia 17 de Maio com material promocional concebido para o turista, com vídeo-promocional da ilha e do concelho e, sobretudo, elaborado para a promoção que será feita em feiras internacionais. Entre outras tarefas, esse é o trabalho que tem



Luís Silveira diz que a promoção tem de ser feita para combater a sazonalidade porque na época alta o concelho tem estado sempre com a máxima ocupação

sido desenvolvido pelo nosso gabinete de comunicação por forma a promover o nosso destino. Portanto, entre outras iniciativas, há uma determinação neste investimento. Por exemplo, vamos ter uma presença constante na rede de múpis de Ponta Delgada (São Miguel) aquando das festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, época em que a cidade e a ilha são visitadas por milhares de pessoas e assim aproveitamos para promover o destino Velas e fazer com que as pessoas tenham vontade de visitar a ilha de São Jorge e o concelho de Velas.

O Turismo já tem uma boa dinâmica na economia da ilha e do concelho?

Importa realçar que temos uma economia que vive da produção de leite e do queijo de São Jorge, com alguma ascendência

na produção de carne para exportação, mas o sector que está em franco desenvolvimento é o turismo, embora a agro-pecuária seja a base de sustentabilidade da ilha. De facto, temos de promover o destino para ter mais turistas na ilha e no nosso concelho. E isso é de todo importante porque estimula a economia local, gera riqueza, cria e mantém postos de trabalho e porque quem vem à nossa terra, nesse caso às Velas e à ilha de São Jorge, come o nosso pescado e marisco, come a nossa carne, come o nosso queijo e leva o nosso artesanato. Portanto, desenvolve toda a economia, mas sobretudo os sectores primários. E, assim sendo, há uma aposta consecutiva em trazer mais pessoa a Velas de São Jorge porque assim desenvolve-se todos os sectores da economia.

Há capacidade na ilha, e concretamente nas Velas, para atrair os açorianos que viajam cá dentro e receber turistas nacionais e internacionais? Os transportes, nomeadamente o aéreo programado, tem dado, e vai dar resposta?

Coloca-se sempre a questão dos transportes aéreos e marítimos, a verdade é que das cinco gateways que a Região tem, com excepção de Santa Maria que não se liga a São Jorge, as restantes (São Miguel, Terceira, Pico e Faial) servem-nos perfeitamente, com especial destaque ao Pico e Faial que são duas gateways que estão à nossa frente e que nos ligam ao exterior da Região e ao mercado continental. Há por parte da SATA Air Açores um enorme esforço de disponibilidade de voos e de lugares e que a companhia vai aumentando e ajustando consoante a procura.

Saliente-se que as ligações marítimas também são muito importantes para nós. Há de facto, um crescimento e repare-se que na época alta passamos de duas viagens para quatro, bem como se retomou com enorme sucesso a ponte histórica marítima Velas/São Roque/Velas.

Há uma promoção para captar visitantes essencialmente para a época baixa...

O desafio que temos agora é o de diminuir a sazonalidade. Neste momento, já não precisamos de promover o destino para a época alta porque entre Junho e Setembro a hotelaria (Hotéis, espaços de alojamento local e de turismo rural) está cheia. Portanto, investimos em promoção para captar turistas para as épocas mais baixas e estamos a trabalhar em parceria com o Núcleo Empresarial de São Jorge, por via da Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo, com um projecto a apresentar no dia 17 de Maio e que tem por base as Festas do Divino Espírito Santo. Porque são festas riquíssimas em termos culturais e religiosos (para quem é católico), mas sobretudo muito ricas em termos gastronómicos. O Espírito Santo antecede a época alta, sete domingos a seguir à Páscoa, e pode ser importante para nós explorar o turismo religioso, por via do Espírito Santo, que tem toda uma riqueza nas várias dimensões

Velas de São Jorge não tem problemas de habitação e as casas têm preços acessíveis para quem se fixar na ilha

que salientei.

Temos noção de que não vai ter impacto para este ano, mas como o turismo anda sempre com um ano de antecedência já estamos a preparar o próximo ano.

Com animação turística e cultural tentamos diminuir a sazonalidade para também ajudar a haver mais sustentabilidade aos investimentos que estão a ser criados na ilha. Só para se ter a noção em 2023 face a 2022 São Jorge foi a ilha do triângulo que mais cresceu. Tivemos mais 23,9% nas dormidas o que equivale a mais 24,5% de hóspedes, o que deixou mais 21,8% de receitas na hoteleira. Portanto, há um crescimento que nos faz acreditar que o investimento e o trabalho que temos vindo a fazer vai tendo resultados positivos e nos vai ajudando a desenvolver o concelho e a ilha no todo da Região.

São Jorge, à semelhança dos Açores, é um destino cada vez mais procurado, desde logo pelas belezas naturais, sobretudo pelo ex-libris que são as fajãs reserva da Biosfera, mas também porque é um destino seguro. Aqui as famílias não têm receio de estar a levantar dinheiro no multibanco e serem assaltada nem medo de deixar as crianças a brincar enquanto estão sentadas num parque natural. Essa segurança que temos é também importante transmitir.

Um dos problemas nas ilhas mais pequenas era o da saída jovens para estudar e que não regressavam. Como se alia o aumento do turismo com as saídas? Há projectos para fomentar o regresso ou isso já não é um problema grave como antes?

É verdade que, durante décadas, houve aqui fluxos migratórios, que os jovens saíam, na sua maioria para estudar, e não regressavam à ilha, mas hoje sentimos que há um retrocesso positivo. Ou seja, e fazemos esse trabalho no município, a maioria dos nossos jovens já regressa à ilha após os seus estudos superiores. E porquê? Porque também vai aparecendo trabalho, sobretudo e também por via do turismo, que mexe com todos os sectores. Com mais pessoas na ilha são precisos mais médicos, mais enfermeiros, mais veterinários, mais professores, assim como a construção civil precisa de engenheiros e de arquitectos porque está em expansão.

O facto de termos mais população fluante na ilha obriga a termos um pouco mais de tudo, mas também há mais oportunidades de oferta e vamos sentindo que há um regresso após a formação superior dos jovens. Isso é um sinal positivo, porque efectivamente somos uma população envelhecida e precisamos destes jovens que são determinantes para aquilo que é o futuro do concelho, da ilha e da Região. Claro que isso não faz com que não continuemos com um problema de demografia, mas isso é uma questão à parte, pois, como sabemos, tem a ver com as baixas taxas de



Luís Silveira (à direita) na BTL com um grupo de actores da novela da SIC gravada na ilha Terceira e que se estenderá a São Jorge

natalidade. No passado havia o pensamento de que as famílias, mesmo pobres e com dificuldades, tinham o número de filhos que “Deus quiser”. Hoje não é assim, há planeamento familiar. Há jovens que decidem não ter filhos ou decidem só ter um filho. As famílias são menos numerosas.

Portanto, esta demografia vai continuar a acontecer, mas certos de que os jovens estão a regressar o que nos fortifica e nos dá vontade de continuar a trabalhar, até porque quando regressam muitos deles investem no sector do turismo, seja no alojamento seja com empresas marítimo-turísticas e de animação turística. Há aqui alguma pujança, à nossa dimensão (somos 5 mil almas a residir e a viver), e isso sente-se na vontade dos nossos jovens em contribuir para o futuro, o que nos motiva muito para continuar o nosso trabalho, até porque hoje é residual o número de jovens

que emigram.

Há também o regresso dos emigrantes?

O nosso maior fluxo da emigração aconteceu aquando da crise sísmica de 1964. Em Fevereiro último assinalamos os 60 anos da emigração com o lançamento de um livro sobre a história da crise sísmica. Na altura, tivemos o apoio dos americanos, por via da base aérea instalada na ilha Terceira. Hoje, verificamos que há cada vez mais emigrantes que regressam após a sua reforma e a recuperarem as suas habitações, as casas dos seus pais e dos seus avós, o que antes não acontecia. Agora na ilha, onde querem viver a sua reforma, vão trazendo os seus filhos e netos, na sua maioria nascidos nos EUA e alguns nos Canadá. Essa é a nova realidade, o que é bom porque temos mais pessoas, mas também os nossos emigrantes reabilitam o património urbano.

Os estrangeiros também se fixam...

Na fixação de pessoas, também temos verificado que há muitos turistas, sobretudo os nórdicos, que cá vêm e se apaixonam pelas nossas belezas naturais, pela segurança, pela cultura da ilha, num concelho que tem sete bandas filarmónicas e dois grupos folclóricos, e decidem fixar-se. Para isso, compram ruínas e constroem a sua casa para viver a sua reforma. Isso vai acontecendo cada vez mais, assim como são cada vez mais os casais que decidem vir fazer a sua vida.

Todos esses factores conjugados são contributos muito importantes.

Encontrar habitação nas Velas de São Jorge é fácil para quem fixar-se?

É fácil se compararmos com Ponta Delgada, Lisboa ou Porto. A verdade é que um apartamento nas Velas (T1, T2) para arrendar custará entre 300 a 400 euros, e ainda vá havendo oferta.

Eu diria que a habitação para nós ainda não é um problema, porque houve muitas casas que foram abandonadas na altura da emigração que ficaram em ruínas e hoje estão a ser recuperadas e outros vão construindo de raiz. Um jovem depois de concluir os seus estudos e a trabalhar consegue pagar o seu apartamento ou construir a sua casa, se for um casal ainda melhor. Os preços do mercado imobiliário na ilha, embora estejam sempre a subir, ainda são mais baixos do que se verifica nas maiores cidades dos Açores ou de outros centros urbanos, o que liberta mais dinheiro para o orçamento familiar.

Nélia Câmara

